

Capital - Versão Popular Moderna

Amaral

26 de fevereiro de 2021

Conteúdo

1	Introduction	5
2	Isto é um critica senhor!	7
3	Fenomenologia da Sociedade	9
4	Formas de valor - Expressão do valor	11
5	Processo de valorização	13
6	Fetice - Sociedade mediada	15
7	Valor nele mesmo - Trabalho incorporado	17

Capítulo 1

Introduction

Este trabalho foi resultado de dificuldades na leitura do meu *Estudo Matemático do Capital*, surgiu então pedidos de uma versão mais simples e moderna e por isso decidi escrever este trabalho *Capital - Versão Popular Moderna*.

Os objetivos deste trabalho não é bem fazer um estudo, ou uma análise sistemática e rigorosa como realizei no estudo referido anteriormente, o objetivo é sim fazer uma exposição breve e sintetizada. Mais um introdução ao Marxismo? Ouço alguém a dizer, sim é verdade, existe muita literatura que tenta fazer o que estou aqui a tentar fazer, no entanto este tem uma particularidade, é moderno, ou seja, o mais recente à data que terminei de escrever; o que quero dizer com isto é que espero que o conteúdo dentro dele desperte interesse no leitor e que o objeto, o capitalismo e o capital, se revele de forma mais nítida. Espero também realçar alguns pontos e categorias que no meu entender são relevantes ao Marxismo que tendem a ser esquecidas, e por causa deste fenómeno quase sistemático, o Marxismo, no meu entender, tenda a ser visto de uma maneira mais obscura. Penso então ao realçar estas categorias a teoria e as estruturas presentes n"O Capital" façam mais sentido.

Capítulo 2

Isto é um critica senhor!

O trabalho de Marx é um crítica em primeiro lugar. Uma das coisas que "O Capital" pretende fazer é construir um sistema conceptual para poder entender a sociedade, como também criticar as categorias usadas pelos antigos economistas clássicos. Tal pode ser observado ao longo do seu trabalho, um tom irónico apimenta sempre os seus argumentos. Esta característica do trabalho de Marx torna-o difícil de ler para quem não está habituado ao modo de pensar da época, um dos exemplos disso é o fetiche, este conceito foi usado por Marx para ironizar o facto de que os antropologistas da época chamarem de "fetiche" ao ritual das comunidades indignas de venerarem os objetos como se fossem Deuses, a crítica aqui é óbvia, porém por vezes é mais sorradeira, um dos exemplos é a "teoria do valor-trabalho", assume-se, a quem convém, que Marx foi simplesmente mais um economista clássico, ou, que, ele simplesmente a desenvolveu para o nível conceptual mais rigoroso, porém nem um e nem outro, óbvio que Marx usou a teoria para explorar o capitalismo de uma maneira mais profunda, mas no seu uso está também uma crítica à própria economia política e ao capitalismo em si.

Esta propriedade levou a vários economistas vulgares e até a alguns Marxistas vulgares a interpretarem erradamente o que Marx pretendia fazer n"O Capital". Aqui pretendo realçar, como referido anteriormente, os conceitos que acho mais atuais de forma a fazer uma crítica completa e simples ao capitalismo. Tal vai ser notável com, por exemplo, o meu tratamento da teoria do valor-trabalho que só vem no meu último capítulo, enquanto outras categorias tipicamente usadas pelos Marxistas vulgares como "luta de classes" ou "mais valia" são aqui ignoradas, tentando demonstrar assim que, o Marxismo é mais do que a velha "luta de classes".

Algo implícito à crítica é a existência de uma alternativa ao sistema que temos, seria bonito prescrever aqui um sistema económico e uma estratégia até chegarmos lá que seja infalível, porém tal parece cada vez mais difícil. Aliás, o maior debate dentro da esquerda é "como raio nos vamos organizar?", esta advém desde a queda da URSS, ou até mesmo durante a URSS, porém de resposta ainda nada se vê. Certamente é o grande desafio da esquerda para o

século XXI, porém grandes perguntas parecem que nunca ter resposta...

Capítulo 3

Fenomenologia da Sociedade

Na parte fenomenal do capitalismo, vemos trocas a acontecer constantemente, ou seja, dois produtos de qualquer conteúdo são trocados num mercado de dimensões impressionáveis. Agora a questão se levanta, qual é a força que motiva este movimento social?

Podemos encontrar primeiro aqui um chamado "mundo de mercadorias" ou seja, um mundo onde o qual as mercadorias se relacionam entre si.

Vamos dar um exemplo, temos as mercadorias garrafa de água e pão, temos que se estabelece uma relação entre estas duas mercadorias, podemos expressar esta relação da seguinte maneira:

$$1 \text{ garrafa de água} = 5 \text{ pães}$$

Ou seja, se nós tivermos 1 garrafas podemos trocar por 5 pães. Agora porque esta relação? Porque 1 garrafa por 5 pães e não outro numero arbitrário? 1 garrafa por 7, 10 ou 30 pães?

A clássica maneira¹ de ver este fenómeno, é que esta relação é motivada por agentes individuais, ou seja, a relação é mutualmente benéfica, se fosse outro numero o "benefício" desta relação diminuí e os agentes económicos não a realizariam. Esta resposta no entanto é contra produtora, o nosso objetivo não é explicar o porque desta expressão, mas sim entender a profundidade social que este fenómeno esconde.

A primeira coisa que podemos dizer é que, ao olhos desta relação social 1 garrafa de água e 5 pães, são na verdade a mesma coisa, ou seja, pensando nesta realidade social que pretendemos estudar, estas duas mercadorias são na verdade a mesma coisa. Esta dimensão que une é o valor, ou seja, em 1 garrafa de água e em 5 pães se encontra o mesmo valor.

Este aspeto de "valor" é no entanto comum a todas as mercadorias e como tal, expressa uma realidade social comum a todas mercadoras.

¹Método usado pela economia vulgar atual

Aqui surge três questões, a primeira é como este valor se manifesta, a segunda é o processo valorização, ou seja, como é que algo que não é mercadoria passa a ser uma mercadoria (e ganhar valor) e o qual é o conteúdo deste valor, irão ser estas três questões que este livro irá primordialmente responder.

Capítulo 4

Formas de valor - Expressão do valor

Iremos aqui estudar como o valor se expressa, ou seja, como ele se manifesta.

A forma do valor simples, individual ou ocasional

Esta é a forma em que o valor se apresenta como já estudamos, ou seja:

$$1 \text{ garrafa de água} = 5 \text{ pães}$$

Agora surge a questão, que valor está a ser expresso? Bem, aqui iremos fazer a leitura do lado esquerdo para o direito, ou seja, 1 garrafa de água vale 5 pães.

A primeira coisa que podemos observar é que a garrafa de água precisa de outra mercadoria de forma a poder expressar o seu valor, ou seja, o valor só existe em relação de duas mercadorias.

Esta expressão tem então 2 pólos, referentes ao papel que cada mercadoria tem na expressão do valor, temos a mercadoria na forma relativa, aquela que está a expressar o seu valor e a mercadoria na forma equivalente, onde é usada como expressão do valor. A garrafa de água, a mercadoria na forma relativa, nesta expressão, ganha a aparência de valor de uso, ou seja, na expressão o valor de uso "garrafas de água" é a parte "importante", a parte que ganha uma característica, no outro lado da expressão, o pão, a mercadoria na forma equivalência, aparece na forma de valor, ou seja, é a matéria onde o valor da água é expresso.

Forma Geral do valor

Vamos olhar agora para a mesma mercadoria, porém ao invés de a vermos numa só relação, vamos a observar na completude de todas as relações, tal pode ser expresso da seguinte maneira:

$$1 \text{ garrafa de água} = \begin{cases} 5 \text{ pães} \\ 3 \text{ iogurtes} \\ 1 \text{ pacote de pastilhas elásticas} \end{cases}$$

No caso, fazemos a mesma leitura que estivemos a ver anteriormente, porém aqui vemos a garrafa de água a expressar o seu valor em várias mercadorias.

Às várias mercadorias que aparecem na forma de equivalente, chamamos de mercadoria de forma de equivalente particular.

Forma Dinheiro

Com a inversão da forma geral, podemos deduzir a forma dinheiro:

$$\begin{cases} 5 \text{ pães} \\ 3 \text{ iogurtes} \\ 1 \text{ pacote de pastilhas elásticas} \end{cases} = 1 \text{ garrafa de água} \quad (4.1)$$

Nesta aparição, todas as mercadorias expressão o seu valor na água, aqui a água aparece na forma de equivalente universal.

Esta "inversão" acontece apartir da "prática social", através da dogmatização da ação de expressar o valor de uma mercadoria numa mercadoria em forma de equivalente, no caso, 5 pães valem 1 garrafa de água, no nosso mundo real 5 pães valem 4€.

Capítulo 5

Processo de valorização

Chegamos agora à questão, de onde vem o valor? Como o valor é determinado? Onde ele aparece?

Está na altura de introduzir a *besta*, o capital! O que é o capital? Bem, a fórmula geral do Capital é a seguinte:

Dinheiro - Mercadoria - Dinheiro'

Ou seja, comprar uma mercadoria de maneira para a vender mais caro, como é claro esta entra em negação ao "normal" curso da mercadoria:

Mercadoria - Dinheiro - Mercadoria

Ou seja, vender uma mercadoria de maneira para comprar.

Agora existe aqui uma peculiaridade na fórmula do capital, enquanto no "normal" curso da mercadoria, o valor é "conservado", 1 garrafa de água é trocada por 5 pães, no capital existe um aumento nos valores, o dinheiro inicial, dinheiro usado na compra da mercadoria, tem que ser menor do que o dinheiro final, o dinheiro que vem da venda da mercadoria. Como estudamos previamente aqui o dinheiro está na sua forma "pura" de valor, no seu lado mais abstrato.

Agora como é que o capital consegue tal proeza? Bem organizando a produção das coisas (dos valores de uso) para a sua expansão, ou seja, o capital determina os seus próprios limites. Por isso não é estranho ver alguns escritores contemporâneos a descrever o capital como uma entidade que se auto-referencia, ou até, uma máquina cibernética, uma inteligência artificial que se vai adaptando e modificando toda a nossa sociedade de maneira a conseguir expandir mais.

O capital então divide a economia em duas partes, de um lado os meios que necessita para se reproduzir e do outro os criadores de valor, por assim chamados, respectivamente, capital constante e capital variável.

O capital então produz motivado pela mais produção, ele cria capital constante para poder produzir no futuro, ele usa o capital variável para poder produzir mais do que no passado.

Como tal, as coisas têm valor se estiverem ligadas a esta expansão do capital. O capital é como o Deus na idade medieval, o ponto de referencia que dava sentido à organização feudal, este é agora o meio e o fim da sociedade capitalista, o meio de valorização e o fim é a acumulação dos valores.

Como é claro, o dinheiro aparece aqui como representação deste valor abstrato, servindo para o capital como modo em que este possa medir o seu valor e ocasionalmente petrificar este valor nesta mercadoria.

Capítulo 6

Fetichismo - Sociedade mediada

Como vimos então, existe um lado fantasmagórico por detrás desta realidade das mercadorias e valor, existe um lado metafísico e teológico.

O capitalismo apresenta-se agora como uma *network* de mercadorias constantemente em contacto, que falam entre si e expressam os seus valores numa das outras; porém, por de trás deste lado *espetacular* se esconde a verdadeira relação social, as relações por detrás do homem. A este carácter da mercadoria chamamos de fetichismo, a propriedade que o capitalismo tem de mascarar as relações humanas em objetos com valor.

Esta é uma das propriedades usadas e abusadas por Marxistas humanistas e outros críticos do capitalismo, o facto de que a mercadoria torna-se cada vez mais o centro da sociedade sobre o capitalismo moderno, as identidades que previamente tinham sentido em si, as crenças de fé por ter fé, hoje em dia são mediadas pela mercadoria, as identidades são construídas relativamente ao consumo de mercadorias e a fé, a fé é supérflua, o que era em tempos era "divino" hoje é só mais uma mercadoria.

O mais irónico são os defensores do "capitalismo liberal", que pegam na caneta dizem "por de trás estão muitos produtores interligados pelo mercado"; tal exemplo está certo, mas um ênfase enorme nesta característica, por detrás da caneta não se esconde só a engenhosidade do produtor, esconde-se também toda a coerção económica, política e social que levou o produtor a produzir algo que não quis. É esta a realidade que o capitalismo se desenvolveu para esconder, os valores... os valores pouco valem para o mundo que vivemos, estes não são mais de pequenos pontos de equivalência, sinais que as mercadorias referenciam em si para ganhar valor, ecologia? Compra produtos orgânicos! Veganismo? Compra produtos vegan! Solidariedade? Compra estas meias e 50% vai para centro de acolhimento para crianças! Passas fome? Torna-te uma mercadoria e vende o teu trabalho!

Capítulo 7

Valor nele mesmo - Trabalho incorporado

No nosso estudo do capital, vimos que este determina a produção e a distribuição, de outra maneira, determina toda a esfera social, consoante a sua expansão; para tal ele organiza a esfera de produção em duas categorias, a esfera de produção de meios para reprodução de capital, capital constante, e de meios de produção de mais capital, capital variável, mas qual é a fonte desta expansão?

Sabemos pelo que estudamos anteriormente, o valor é algo "abstrato" e não tem existência sem a existência concreta de um produto, de uma coisa propriamente dita. Agora de onde vem esta coisa real? Bem, pensemos numa cadeira, podemos olhar para a sua existência singular, é um cadeira, algo à nossa frente, olhando para as propriedades física é feita de madeira, porém existe uma diferença entre a madeira que encontramos na natureza e a madeira que constitui a cadeira, esta é madeira trabalhada. Com o que vimos, temos então que para o capital poder expandir o seu valor, ele precisa da produção de valores de uso, das coisas que possuam os valores, e para tal precisa de organizar o trabalho para a produção destas coisas.

A expansão do capital começa a sua existência, assim sendo, quando o trabalhador, o individuo, a pessoa uma, perde a sua unicidade, perde o seu carácter único, sua vida passa, na existência sobre o capital, a ser meramente a materialização deste valor, pouco interessa a vontade do homem, gostes ou não, queiras ou não, apeteça-te ou não, o valor tem que ser criado. O trabalho deixa de ser algo único, passa a ser algo social, o trabalho para de ser concreto e distinto, passa a ser abstrato e simples, todo o trabalho aos olhos do capital é valor e como tal a sociedade se organiza para que o trabalho seja só valor. Aos olhos do capital, sendo assim, o trabalho é simplesmente dispêndio de trabalho, é trabalho por trabalhar, tal como leva a produção por produzir.

Como tal proeza é conseguida? Como é feita a desumanização do homem? A desvirtualização do individuo? Vimos anteriormente que uma das formas que o capital se mantém em existência é com o fetiche, ao tornar a mercadoria me-

diador da atividade social, mas também esta é perpetuada com o uso dos nossos desejos e necessidades, usando-os para nos tornar servis. Agora ouço vozes de fundo de críticos ao afirma que isto é uma coisa boa, que o capital é capaz de satisfazer estas necessidades do consumidor, porém isto é uma análise superficial, o capital satisfaz, mas também determina os nossos desejos e necessidades, ele não só produz a "solução"remediada, mas produz também o problema de-sastroso, cria meros vícios para vender a droga, causa fome e dá comida, tira e dá.

É assim, com o trabalho a virar meramente uma coisa, o homem vira uma coisa, ou mais que uma coisa, uma mercadoria, primeiro perdeu a sua humanidade, agora perdeu o seu aspeto real; é só mais uma entidade metafísica, no mundo das mercadorias, expressando o seu valor da existência "4 horas da minha vida valem 1 garrafa de água".

É de pensar, se dá para pensar, fora do capital, se ele domina agora a nossa percepção, se ele desenvolve algoritmos cada vez mais eficientes em procurar maneiras de roubar a nossa atenção, se ele nos impôs formas de valorizar as coisas e o homem; se ele desde cedo nos ensina a procurar respostas fáceis e a curto prazo, para que agir quando posso consumir? Para que mudar o mundo, se posso produzir? E por lucros rápidos e prazeres imediatos, somos guiados...